



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



## TEATRO INFANTIL NA ESCOLA: INSTRUMENTO PARA EFICAZ ENSINO DAS ARTES

Elder Luan dos Santos Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Nesse trabalho voltarei os olhares para uma linguagem específica, o teatro, discorrendo sobre as possibilidades de trabalhá-lo nos centros educacionais de ensino fundamental, sendo parte dos conteúdos programáticos da disciplina de Educação Artística. De maneira que, além de agir como um modo coletivo de produção artística seja também um instrumento de consolidação da arte enquanto objeto de conhecimento específico a ser trabalhado nas escolas. A partir das metodologias, reflexões e resultados alcançados por meio de uma experiência com teatro infantil, vivida durante um ano, com um grupo de crianças da Escola Paraíso do Saber na cidade de Ponto Novo - BA, somada a pesquisa bibliográfica que teve como fonte a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais, além do suporte teórico fornecido por alguns dos autores que trabalham com ensino das artes, arte e arte-educação. Este trabalho tem como objetivo, apontar, as estratégias e metodologias para uma efetiva prática do teatro infantil na escola, para que assim o mesmo seja a possibilidade de termos um eficaz ensino das artes nas salas de aula do ensino fundamental.

**PALAVRAS – CHAVE:** Educação. Teatro. Escola. Arte-Educação. Artes

### **O Ensino da Arte no Brasil**

*“A arte tem sido proposta como instrumento fundamental de educação, ocupando historicamente papéis diversos, desde Platão, que a considerava como base de toda a educação natural” (BRASIL, 1997, p. 52).*

A arte chega às salas de aula, como uma atividade integrativa que auxilia no aprendizado de outras disciplinas, somente na primeira metade do século XX é que se observam os primeiros passos do ensino de algumas linguagens artísticas no Brasil. A princípio, somente as disciplinas de Música, Canto Orfeônico, Trabalhos Manuais e Desenho é que faziam parte do currículo escolar na época da chamada escola tradicional, o ensino dessas disciplinas, assim como de todas as outras que compunham os programas escolares tinham como objetivo apenas transmitir os padrões e modelos das culturas predominantes.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de licenciatura em História, bolsista Programa de auxílio a projetos da Pro-reitoria de políticas afirmativas e assuntos estudantis - PROPAAE, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, 44360000, Cachoeira, Bahia, Brasil. [elluanss@gmail.com](mailto:elluanss@gmail.com)

Entre os anos 20 e 70, o ensino da arte que visava meramente à reprodução de modelos começa a ser reconfigurado e este vem a priorizar o desenvolvimento, a criação, a auto-expressão e principalmente as necessidades do aluno. A partir dos anos 70, a escola começa a dialogar com o que está externo a ela, e a promover a integração entre o educando e a comunidade, a arte que se ensina põe-se a se aproximar das manifestações artísticas ocorridas fora do ambiente escolar.

Entretanto todas essas atividades desenvolvidas no âmbito das artes eram realizadas de forma indireta, não existia nenhuma regulamentação que fizesse da arte componente curricular obrigatório, o quadro começa a mudar, quando em 1971 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional inclui a arte no currículo escolar como disciplina de “Educação Artística”, entretanto tal disciplina ainda vem a ser apenas “atividade educativa”.

Com isso, o ensino das artes sofre, o que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’S) vão chamar de um avanço *contraditório e paradoxal*, pois os professores atuantes nas salas de aulas não continham formação suficiente para trabalhar as diversas linguagens que deveriam compor a disciplina de Educação Artística. Sem formação e com poucas possibilidades para obtê-las os profissionais da educação começaram a se desdobrar nas salas e a desenvolver múltiplas atividades no sentido de fazer com que os alunos conhecessem a música, dança, teatro entre as outras linguagens.

Sem nenhum conhecimento específico dessas áreas, os professores começam a trabalhar todas as linguagens de forma aleatória, e assim o período dedicado ao ensino das artes passa a ser a hora de cantar a musiquinha do lanche, ou o momento de pintar o desenho mimeografado. Em boa parte das escolas infantis a disciplina de Educação artística foi deixada de lado, reduzidas aos momentos de pintar, recortar e colar, ou no caso das atividades de teatro e dança que só eram reconhecidas quando faziam parte das comemorações de datas cívicas ou das festividades internas da escola.

Em 1988 a arte sofre a ameaça de ser excluída do currículo e somente a partir das discussões em torno da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é que se tem a convicção da importância escolar dos alunos do ensino básico também terem acesso à área de arte. Em 20 de Dezembro de 1996, novos horizontes começam a despontar e a lei 9.324/96 vem revogar todas as disposições anteriores considerando a arte como obrigatória na educação básica, a partir daí dão início novas concepções e novas metodologias que vão dar “o ponta pé” para inclusão de conteúdos próprios, ligados a cultura artística, desenvolvendo ações que assegurem um efetivo ensino e aprendizagem de arte nas escolas e reconheça-a como parte da identidade cultura dos indivíduos.

Contudo, em muitas escolas da rede municipal e estadual o ensino da arte ainda é muito parecido com aquele do início dos anos 80, em que a arte é apenas parte integrante no desenvolvimento de outras disciplinas, e mesmo quando se parte para um estudo efetivo a maioria dos professores privilegiam a arte erudita e seus códigos, até mesmo nas escolas particulares onde existe um livro para a disciplina de arte, este traz como conteúdo determinadas obras artísticas e elementos da cultura dita erudita, fazendo assim uma “arte ensinada” que se contrasta com a ideia de que arte não se ensina se expressa.

O que é o caso de uma escola de educação infantil do município de Ponto Novo – BA, onde é dedicada 1 hora/aula semanal para a disciplina de arte, às segundas-feiras, sendo este o momento de pintar um desenho entregue pelo professor, ou desenhar o assunto que está sendo dado, o que além de “*reduzir a imagem plástica aos modos verbais de expressão*” (AUAD, 2009, p. 2) desvaloriza os impulsos criativos dos educandos e podá-os de expressar os seus sentimentos.

Acredita-se que o objetivo da arte-educação seja despertar a capacidade criadora em seus mais variados aspectos, habilitando os alunos para além de apreciar a obra artística ele possa aprender e compreender, fazer e ser a própria arte.

“*O aluno, assim, formaria estruturas cognitivas utilizando conceitos, princípios e vocabulário específico, com intimidade para trabalhar e discernir elementos formais.*” (AUAD, 2009, p. 2).

Isso se dá a partir do contato com as mais variadas linguagens artísticas, seria impossível trabalhar arte na sala de aula, sem direcionar os olhares para a dança, as artes visuais, o cinema, a música, o teatro, entre outras. O que se questiona aqui é justamente como é feito esse direcionamento e se ao fazê-lo as artes estão atuando como promotoras do desenvolvimento social e cultural dos seres humanos. E se fazem, de que forma estão agindo na constituição de parte da identidade cultural dos mesmos?

O que seria arte para os alunos do ensino fundamental do século XXI? E que visões ela ajuda a construir ou desconstruir? Quem são os professores de Arte? Em que são formados? São muitos os questionamentos e infelizmente este trabalho não objetiva-se em respondê-los, o que se pretende é apontar um possível horizonte para que o ensino das artes não se perca, nem deixe de explorar a capacidade criativa dos alunos.

Buscou-se no teatro essa possibilidade de conhecer, apreciar e produzir a arte, de modo que se através dele o educando desfrute da arte, apropriem-se de conteúdos imprescindíveis e através dela amplie a sua visão de mundo, conscientizando-se do seu papel social, tornando-se cidadãos mais sensíveis e críticos.

## **O teatro como recurso pedagógico**

A história do teatro confunde-se com a história do homem e a sua necessidade de comunicação, alguns estudos apontam a origem do teatro a partir da relação do homem com a natureza e realização de rituais primitivos em cerimônias religiosas, um jogo sagrado, onde o público não necessariamente exercia a posição de expectador. O que de fato se sabe é que foi na Grécia que o teatro foi formalizado como arte e adentrou no espaço cênico, sendo uma forma de demonstração de cultura e conhecimento.

O ato de dramatizar do homem faz parte do seu comportamento natural e da sua capacidade de desempenhar diferentes papéis na sociedade, são manifestações espontâneas de representação dramática que com o tempo evoluíram para o teatro, assim explica Clara Dezotti (2006, p. 20).

*“O jogo dramático infantil é uma forma de arte por direito próprio; não é uma atividade inventada por alguém, mas sim o comportamento real dos seres humanos”* (SLADE, 1978, p. 17 apud MÜLLER, 2008, p. 14).

O faz de conta, a simulação da realidade, começa na infância, no ato de brincar, a criança imita aquilo que vê, para Dezotti, 2006, a compreensão do mundo em que o indivíduo está inserido se dá pelo jogo do faz-de-conta e é através deste que se encontra o equilíbrio afetivo e intelectual. Isso se dá pelo prazer de criar e reproduzir que induz a imitação e faz a criança expressar-se espontaneamente, o que Sandra Chacra pontua é que este processo de imitação resultará na expressão dramática e que esta evolução dos impulsos é que dará origem as diversas formas de manifestação artística.

O ato de dramatizar está potencialmente contido em cada um, como uma necessidade de compreender e representar uma realidade. Ao observar uma criança em suas primeiras manifestações dramatizadas, o jogo simbólico, percebe-se a procura na organização de seu conhecimento do mundo de forma integradora. A dramatização acompanha o desenvolvimento da criança como uma manifestação espontânea, assumindo feições e funções diversas, sem perder jamais o caráter de interação e de promoção de equilíbrio entre ela e o meio ambiente. Essa atividade evolui do jogo espontâneo para o jogo de regras, do individual para o coletivo. (BRASIL, 1997. p. 52)

Tudo aquilo que trabalha com a fantasia é importante para as descobertas infantis, pressupõe-se então que o teatro seria um grande aliado na relação ensino-aprendizagem, já que além de ser natural do ser humano a necessidade da representação e capacidade de imitação e simbolização, este amplia de modo prazeroso a imaginação e a criatividade das crianças, contribuindo para que no futuro as mesmas se tornem adultos independentes e determinados.

Já em 1990, Tolstói salientava que futuramente, para além da educação formal, essa que ainda hoje é praticada, haveria vários outros caminhos que possibilitariam a construção do conhecimento e que o Teatro seria um grande aliado nessa construção.

A linguagem teatral pode vim a constituir um canal entre o professor, o conjunto de conteúdos e os alunos, agindo no desenvolvimento das linguagens e da formação artística dos educandos, assim como no seu desenvolvimento social em um determinado grupo.

A criança, ao começar a frequentar a escola, possui a capacidade da teatralidade como um potencial e como uma prática espontânea vivenciada nos jogos de faz-de-conta. Cabe à escola estar atenta ao desenvolvimento no jogo dramatizado oferecendo condições para o exercício consciente e eficaz, para aquisição e ordenação progressiva da linguagem dramática. (BRASIL, 1997. p. 52)

Além de uma linguagem artística o teatro é também um meio de comunicação, e por isso é que fica fácil do mesmo configurar-se em um canal de diálogo entre o aluno e o professor, que é estabelecido na leitura, interpretação e produção de textos dramáticos com temática ligada tanto ao conteúdo das artes, quanto aos demais componentes curriculares.

O teatro exerce um papel cultural nas sociedades e carrega consigo esse caráter comunicativo desde a época dos espetáculos gregos, quando atrelado à formação educativa o mesmo cumpre também o papel de atividade integradora, possibilitando a troca de experiências entre professor/aluno, aluno/comunidade, escola/comunidade, constituindo assim uma relação entre o individual e o coletivo que contribuem para o desenvolvimento social e pedagógico do indivíduo.

Podemos ressaltar que, ao aproximar o teatro da educação, relacionamos a situação de ensino-aprendizagem com o impulso natural do homem para a dramatização, o que já se configura como elemento facilitador do processo educativo, e que ao fazer uso da linguagem teatral pressupomos que o professor afasta o educando do modelo tradicional da aula expositiva e o aproxima de sua capacidade natural para a mimese, para a imitação, que é idéia central do processo em arte, além de possibilitar o acesso a elementos de diversas linguagens que compõem a linguagem teatral. (DEZOTTI, 2006. p. 42)

O teatro vem a ser uma, das possibilidades de ajudar o educando a desenvolver a sua capacidade de comunicação e expressão, assim como a capacidade de interpretar, contextualizar, decifrar e assimilar os diferentes códigos da produção artística e cultural da humanidade. Através de ele criar uma comunicação entre professor/aluno que possibilite a transmissão do conteúdo programático das artes.

Por outro lado o teatro exerce nos indivíduos uma função social, a experiência do teatro na escola desenvolve o hábito de dialogar, o respeito para com o outro, a inclusão e a consciência crítica dos problemas da comunidade e da escola. Por se tratar de uma atividade grupal, os educandos estabelecem uma relação de respeito e cooperação para com os outros,

superando assim as diferenças alcançando uma autonomia que não utilize de meios de repressão. A criança vivencia um processo de socialização e integração que estabelecem amizades e conseqüentemente também estimulam a aprendizagem.

Como já foi abordada em outros momentos do texto, entre as muitas funções que a prática teatral exerce sobre os indivíduos, na educação ela destaca-se pelo desenvolvimento da criatividade.

Vimos de uma educação em que podava a capacidade de criar e incitava que o diferente era o estranho e por ser estranho deveria ser rejeitado. Não só nas aulas de artes, mas em todos os outros componentes curriculares, os educandos recebiam soluções prontas que conseqüentemente desestimulavam o processo criativo.

A arte é uma linguagem que nos insere no universo da produção, percepção, criação, apreciação. Excitar a criatividade, instigar novas descobertas, despertar a sensibilidade dos educandos, isso sim seria EDUCAR, e é tarefa do professor acordar aos alunos a necessidade de transformar, de inventar.

As definições de criatividade estão sempre ligadas aos conceitos de novidade e inovação, criar está estritamente ligado à formação do senso crítico, é a base da ação libertadora, é a capacidade de suscitar novas ideias ou ações. Todos os indivíduos tem a capacidade de criar, entretanto essa capacidade se desenvolve ou se retrai a partir da interação deste como o meio cultural em que vive, são as experiências vividas pelos indivíduos que vão potencializar a capacidade criativa dos mesmos.

Um dos motivos de se fazer a escolha de utilizar o teatro como recurso pedagógico para um eficaz ensino das artes é por acreditar que este ajuda a desenvolver, ou a redescobrir e estimular entre vários outros aspectos a sensibilidade e a criatividade das crianças, pois quando está fazendo teatro ela está desenvolvendo suas habilidades corporais e mentais, a sua imaginação, a habilidade em imitar, as expressões, criam um canal de comunicação que proporciona um desenvolvimento harmônico que favorece o seu desenvolvimento social e pedagógico.

É brincando de faz de conta, imitando gestos e expressões faciais e representando situações que a criança explora sua imaginação e expressão corporal. O poder imaginativo da criança faz com que ela crie e recrie constantemente o seu universo, traçando relações entre a realidade e a fantasia. (HAETINGER, 2005. p. 57 apud MÜLLER 2008. p. 13)

Não é de agora que se tenta combinar Teatro e Educação, ao longo da história essa combinação já foi realizada várias vezes, os Romanos acreditavam que o teatro era uma

imitação e que se pudesse ensinar lições morais, ele teria um propósito educacional, assim salienta Olga Rabelo, 1997, em seu livro sobre a utilização do teatro na escola.

Várias são as preposições de maneiras para a aplicabilidade do teatro na sala de aula e na educação em geral, sendo que para cada momento em que essa preposição foi feita, foi necessário que se levasse em consideração o conceito de educação da época. Sabe-se que a educação atual passou por grandes mudanças no que se refere aos seus objetivos e metodologias, será a partir dessa nova conjuntura educacional que pensaremos questões no teatro didático, que sem perder a sua noção de entretenimento será útil para o desenvolvimento tanto das aulas de arte, o objeto desse trabalho, quanto para as demais disciplinas.

### **O Teatro Infantil nas aulas de Artes**

O teatro infantil tem suas origens na moral judaico-cristã e no didatismo, surgido aqui no ocidente, através dos Padres Anchieta e Manoel de Nóbrega, que utilizavam o teatro como auxílio didático e pedagógico para a catequese dos não Judeus.

Existe uma grande reflexão acerca de até onde o teatro infantil seria uma obra de arte, entretanto não vamos nos ater a esses questionamentos, pois o nosso objetivo é trabalhar o teatro infantil enquanto uma das modalidades do teatro, que ao invés de ser feita para as crianças, seja feita pelas próprias crianças e contribuam para a formação do indivíduo possibilitando uma proposta de ensino que se difere da tradicional.

Atualmente, a expressão artística denominada Teatro Infantil vem sendo cada vez mais estudada, pois se acredita que este segmento da arte pode exercer uma grande contribuição na construção do indivíduo. O próprio termo “Teatro Infantil” vem sendo questionado, alega-se que a expressão infantil tem conotação pejorativa e minimizadora e que a mesma deveria ser substituída por “teatro para crianças”, e que teatro infantil seja aquele que é realizado pela própria criança, sendo esse último o objeto do nosso trabalho.

De início é interessante que diferenciemos o teatro e jogo dramático, dois conceitos que muitas vezes se confundem quando estamos tratando de teatro para crianças e teatro feito por crianças.

Marco Camarotti (2002, p. 31) argumenta que teatro é uma apresentação pública, um espetáculo onde a criança em cena representa algum personagem, já o jogo dramático seria uma encenação da realidade da criança que não é levada ao público, a criança libera as suas emoções e interpreta a si mesmo. O jogo dramático é um exercício da criança, que não é teatro, mas garante-se como um importante exercício para a educação.

A diferenciação do que seria teatro infantil e do que seria jogo dramático vem a algum tempo gerando uma grande discussão entre os estudiosos do teatro, de um lado acredita-se que crianças não estariam aptas à interpretação teatral e por isso é que esses exercícios cênicos deveriam ser chamados de jogos dramáticos. Como afirma Olga Reverbel: *“Nem a criança, nem o adolescente tem a maturidade psicológica indispensável para a interpretação teatral, e isto é o que separa o Teatro propriamente dito, da Atividade Dramática em sala de aula”* (REVERBEL, 1978. p. 18 apud CAMAROTTI, 2002. p. 32)

Outros estudiosos sugerem que não se devem escrever peças para crianças, nem mesmo deixar que elas escrevam antes que completem treze anos. Entretanto a experiência com as crianças da Escola Paraíso do Saber, que será analisada mais a frente aprova que a criança é perfeitamente capaz disso e que a partir dessas experiências elas poderão alcançar tudo àquilo que já foi pontuado anteriormente nesse texto.

Um dos riscos de se utilizar o teatro na sala de aula é de que este acabe se tornando apenas um método para a educação e perca o seu caráter artístico e de diversão e se reduza ao seu conteúdo didático, caindo no que André Brilhante, 2003, chama de didatismo.

*“No didatismo, o espetáculo perderia características que lhe são fundamentais a fantasia, para assumir uma função de ‘aula disfarçada de teatro para crianças’, assim, essa ação, não consegue ser nem um bom espetáculo, nem uma boa aula”* (BRILHANTE, 2003. p. 335).

A Escola Paraíso do Saber é uma escola de educação infantil e ensino fundamental da cidade de Ponto Novo – BA. O trabalho foi realizado com crianças de 07 a 12 anos que cursavam do 1º ao 5º ano no turno vespertino.

O projeto de desenvolver uma oficina teatral para as crianças do ensino fundamental foi apresentado à direção da escola e inicialmente seria apenas um grupo que faria apresentações teatrais nas datas comemorativas e cívicas da instituição.

A primeira atividade desenvolvida com as crianças foi à preparação de um pequeno espetáculo teatral em homenagem às mães, que seria apresentado na comemoração dessa data na própria escola.

O que a princípio era pra ser um grupo que só realizaria apresentações cênicas em eventos da escola passou a ser um grupo de teatro fixo, o grupo foi batizado como o nome *SABERART* e começou a se encontrar todos os dias, logo após o término das aulas, das 16:30h às 17:30h na escola. Tinha em média 20 crianças que cursavam do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, sendo a grande maioria dos alunos no grupo estudantes do 5º ano.

Os encontros eram divididos em dois momentos, no primeiro eram realizados exercícios e jogos teatrais e no segundo, ensaio do teatro que estava sendo montado na época. Durante o ano de 2009, o grupo montou seis pequenas peças, quatro delas apresentadas



apenas para os pais, professores, alunos e funcionários da escola e as outras duas apresentadas para a comunidade local. Como encerramento da oficina, foi realizado um grande espetáculo que foi exibido no auditório municipal da cidade.

As crianças participantes do grupo não apresentavam um bom grau de leitura, o que logo foi superado, notava-se que quando se tratava dos textos do teatro, ou de alguma atividade que era proposta pela oficina, as crianças realizavam-na com maior interesse e rapidez que as atividades diárias da escola. Ao final do ano era perceptível a mudança para melhor, na condição de leitura dos estudantes que eram membros do grupo teatral da escola. Para além da sala de aula, o teatro proporcionava as crianças uma leitura prazerosa dos textos, que não pressupunha a pressão muitas das vezes exercida por alguns professores.

Outro aspecto diferencial dos participantes do grupo de teatro era a desinibição, as crianças iam desenvolvendo o hábito de falar em público e aos poucos perdendo a vergonha de emitir as suas opiniões, os encontros ajudavam também a reforçar a relação com o outro, o convívio no grupo foi afunilando ainda mais as afinidades entre os participantes. Não era admissível que se desrespeitasse o outro, que brigassem, que estivessem sem falar com alguém do grupo, o que ia construindo uma relação entre o individual e o coletivo que vinha a desenvolver a socialização das crianças.

O trabalho era realizado da seguinte forma: Nos primeiros encontros os exercícios eram de improvisação, sem preocupações com o acabamento, objetivava-se estabelecer uma relação de prazer e harmonia entre os participantes e os jogos teatrais. Com o passar dos dias eles iam criando maior domínio sobre a linguagem e assim iam se intensificando os jogos dramáticos e relação entre a criança e o universo teatral.

A experiência realizada na Escola Paraíso do Saber era desenvolvida em um horário extra, o que sugerimos aqui é que esse mesmo trabalho seja desenvolvido nas aulas de Artes, como conteúdo da disciplina, dentro do horário semanal que é dedicado a ela.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais sugerem três blocos de conteúdos a serem trabalhados na prática teatral na sala de aula, 1- O teatro como comunicação e produção coletiva; 2- O teatro como apreciação; 3- O teatro como produto histórico-cultural. Tal divisão possibilita ao estudante um contato com a linguagem, tanto do lado de quem aprecia quanto de quem produz.

O professor que optar por trabalhar com o teatro nas aulas de artes, deve ficar atento às etapas de desenvolvimento da linguagem dramática da criança e exigir que a escola ofereça um suporte básico.

O professor deve organizar as aulas numa seqüência, oferecendo estímulos por meio de jogos preparatórios, com o intuito de desenvolver habilidades necessárias para o teatro, como atenção, observação, concentração e preparar temas que instiguem a criação do aluno em vista de um progresso na aquisição e domínio da linguagem teatral. É importante que o professor esteja consciente do teatro como um elemento fundamental na aprendizagem e desenvolvimento da criança e não como transmissão de uma técnica. (BRASIL, 1997. p. 53)

O professor pode dividir a sua aula em vários momentos, trabalhar com textos dramáticos, que também estarão desenvolvendo a capacidade de leitura, a apreensão e fixação de conteúdos e conceitos das artes, realização de exercícios de expressão corporal, para que o educando crie maior domínio sobre seu corpo, exercícios de improvisação, que estimulem a dramatização, criação de textos dramáticos, contato com os significados e a prática de cenografia, maquiagem, iluminação entre outros.

O professor pode propor caminhadas imaginativas, descrições de objetos, criações de contos, atividade com fantoches, produção de máscaras, teatro de bonecos, exercícios que valorizem a expressão dramática, estimulem a criatividade e contribuam para o desenvolvimento infantil, instigando o senso crítico dos estudantes, transformando-os a partir das influências artísticas.

Portanto, os jogos artísticos, como o próprio nome diz, são aqueles que operam com as competências artísticas. Entre eles, destacam-se as atividades de artes plásticas como desenhos, gravuras, recortes, colagens, maquetes, móveis, trabalhos com tintas, esculturas, massa de modelar, dobraduras, quadros, mosaicos, máscaras, vitrais, entre outras; as atividades teatrais são os jogos dramáticos, peças, dramatizações, improvisações teatrais, fantoches, mímicas, teatro de sombras, etc.; as musicais são montagens de instrumentos, ritmos, canto, composição, paródias, coral, dicção; e a dança, em todos os seus gêneros e de todas as épocas, atividades de expressão corporal, de ritmo e movimento, faz parte dos jogos expressivos. (MÜLLER, 2009, p. 15)

Estes exercícios possibilitarão que os educandos externem, pela voz e pelo movimento do corpo, os seus sentimentos e explorem a sua criatividade, ajudando-o na sua percepção com relação a si mesmo e com o mundo, proporcionando o desenvolvimento do pensamento criativo, assim como a fixação dos conteúdos artísticos, estético e histórico, proposto pelos PCN's para o ensino das artes.

Ao destacarmos a expressão dramática na educação, proporcionamos meios para a criança vivenciar diferentes papéis e ampliar sua imaginação e criatividade de modo prazeroso e alegre. E, indo além do momento presente, oportunizamos que ela se torne futuramente um adulto com iniciativa e autonomia. (HAETINGER, 2005, p. 59 apud MÜLLER, 2009, p. 13)

O professor deve cuidar, para que as atividades teatrais que vão ser desenvolvidas exclusivamente na sala de aula não se tornem uma metodologia para apreensão do conteúdo e acabem colocando as linguagens estéticas em segundo plano.

Os educadores devem proporcionar aos educandos um ambiente livre, sem restrições ou imposições criativas, onde todos se integrem e encontrem condições iguais para a expressão e criação, sem que se estabeleçam padrões ou regras a serem seguidos, nem criem um espaço onde favoreça apenas a imitação.

Vale lembrar que não é o teatro o único meio que pode possibilitar essa construção de um eficaz ensino das artes, as várias outras linguagens artísticas, se trabalhadas de forma correta, também possibilitarão aos estudantes um maior e melhor aproveitamento das aulas de artes e das experiências estéticas, culturais, históricas e poéticas que estas podem lhe trazer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anais do III Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Florianópolis, 08 a 11 de outubro de 2003 \_ Florianópolis: Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas - ABRACE. 2003 (Memória ABRACE VII)

COLI, Jorge. *O que é Arte*. 15ª ed., Editora Brasiliense, São Paulo – SP, 1995  
ISBN 85-11-01046-7

CAMAROTTI, Marco. **A linguagem no teatro infantil**. 2ª ed. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (4 : 2006 : Rio de Janeiro) Anais / do IV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas ; organização Maria de Lourdes Rabetti. - Rio de Janeiro : 7Letras, 2006

DEZOTTI, Clara Beatriz da Silva. **O Teatro como meio de comunicação: Um estudo sobre a utilização do *tableau* na Proposta Pedagógica de Arte do Ensino Fundamental e Médio da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo**. Universidade de Marília, Faculdade de Comunicação, Educação e Turismo, 2006

Metodologia de pesquisa em artes cênicas / organização: André Carreira... [et al]. – Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

MÜLLER, Caroline da Silva. **O ensino de arte nas séries iniciais do ensino fundamental: O desenvolvimento criativo de crianças de duas escolas particulares do Lago Norte – DF**. Enciclopédia Biosfera, Goiânia, vol. 5 - nº8, 2009.

NAZARETH, C. A. **O teatro infantil na cena do mundo**. Disponível em: <<http://vertenteculturalteatroinfantil.blogspot.com/2006/12/o-teatro-infantil.html>>. Acesso em: 03 ago. 2008.

Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 130p.

Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC / SEF, 1998. 116 p.

SANTOS, Neusa Raquel de Oliveira; FARIA, Moacir Alves de. **Jogos teatrais na educação: Um olhar para uma prática libertadora**. Revista Eletrônica Saberes da Educação, Volume 1 – nº 1, 2010.

Teatro infantil, crianças espectadoras, escola : um estudo acerca de experiências e mediações em processos de recepção/ Taís Ferreira. – Porto Alegre : UFRGS, 2005.